

Mercado de trabalho jornalístico: uma discussão que permeia a liberdade de expressão¹

Mariana Grilli Lucas SILVA²

Rafael GROHMANN³

FIAM FAAM – Centro Universitário, São Paulo, SP

Resumo

Ao analisar o mercado de trabalho do jornalismo contemporâneo é possível verificar que a linha editorial do veículo de comunicação e a política de visibilidade que este deseja empregar definem muito da postura do jornalista ali inserido. Por consequência, a expressão das ideias e a qualidade das funções exercidas devem sofrer influência ou até alteração. Portanto, ao se falar de liberdade de expressão, é possível afirmar – e o artigo científico fornece condições para tal – que o mercado de trabalho jornalístico é um personagem determinante sobre a postura do profissional. A autora analisa diversos textos que abordam a empregabilidade no jornalismo e também usufrui de sua percepção em relação às redações a fim de estabelecer parâmetros entre teoria e prática, traçando pontos como as constantes demissões e a polivalência exigida dos profissionais.

Palavras-chave: Imprensa; Jornalismo; Liberdade de expressão; Mercado de trabalho.

Introdução

Liberdade de expressão é assunto permanente no jornalismo, desde as faculdades até as redações. O tema geralmente questiona se as empresas de comunicação, de fato, têm liberdade para expressar a notícia e, caso haja, se esta pode ser veiculada de forma integral ou sofre alguma alteração devido à linha editorial que segue o meio de comunicação.

Ao olhar para dentro das redações, não é incomum se deparar com jornalistas que, mesmo não concordando com o viés político ou a postura de visibilidade do veículo, ainda sim exercem suas funções e tentam ser os mais isentos possíveis na hora de transmitir a informação. Isto acontece porque o mercado de trabalho do jornalismo contemporâneo vem sofrendo constantes alterações. Portanto, é preferível abrir mão da liberdade de se expressar e garantir um emprego de carteira assinada, algo que é cada vez mais raro no ramo de comunicação.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-formada (2014) em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM-FAAM. Jornalista da Rádio Jovem Pan de São Paulo. E-mail: mariana.grilli@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Professor do curso de Jornalismo do FIAM FAAM – Centro Universitário. Membro do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT – ECA/USP). E-mail: rafael-ng@uol.com.br.

Linha editorial

O jornalista de redação precisa levar em consideração as normas editoriais da organização para a qual trabalha e devido a isso, em muitas ocasiões, deixa de lado suas crenças pessoais – as quais não têm a influenciar a matéria, mas sim de depositar a bagagem adquirida e contribuir com a contextualização da matéria. Esta abstenção de suas próprias convicções ou até ideologias não é rara de ser praticada, por consequência, a liberdade de expressão já começa a ser coibida quando a garantia de uma posição no mercado de trabalho dita o que deve ou não ser veiculado. Caso contrário, se o profissional não concordar com o posicionamento da empresa, ele deverá ser incluído no próximo “passaralho”⁴ da redação.

Observa-se que o jornalista também aprende as regras da casa em que trabalha por um processo de osmose e acaba por ser socializado por meio da política editorial da organização ou, simplesmente, como são “novatos”, por um processo de observação dos colegas mais experientes e bem-sucedidos, o que gera uma reprodução dos valores e normas que norteiam aquela redação. (CARDOSO;COELHO, 2009, p. 79)

A ordem a ser obedecida nas redações exerce uma influência perante os jornalistas, assim os direcionando para que eles escrevam sobre determinado assunto que já está pré-estabelecido na empresa. Mesmo depois de tantas revoluções tecnológicas e a modernização das redações, o resultado é a semelhança do trabalho entre os recém-formados e os mais experientes, porque o enquadramento do veículo de comunicação é sempre o mesmo e delimita a expressão do jornalista.

As relações de trabalho nas redações brasileiras, é sabido, são hierárquicas e autoritárias. Jornalistas editores são considerados, pelos patrões, como ocupando ‘cargos de confiança’ e devedores de lealdade incondicional. Mas não se trata aqui da expressão de opinião contrária à posição editorial em matéria jornalística publicada no mesmo veículo. Isso, não existe. Trata-se, na verdade, da liberdade de expressão individual ‘sob qualquer forma, processo ou veículo’. (LIMA, 2010)

Além disso, há uma linha tênue entre ser especialista em alguma cobertura e cobrir todo o dia a mesma pauta. As delimitações apresentadas por empresas de comunicação,

⁴ Passaralho é o termo usado para as demissões em massa em veículos de comunicação.

como a proibição de determinados assuntos ou o favoritismo por causa do anunciante, acabam “podando” o potencial do repórter. Assim, ao enxergar sua profissão como serviço de informação, muitas vezes o jornalista dá a notícia de maneira “nua e crua”, sem contextualização.

Esta forma automática de fornecer notícia não explora a liberdade de imprensa – no que concerne o direito de expressão - e o profissional perde a oportunidade de pluralizar conteúdo ao receptor. Assim, todos acabam perdendo, pois o profissional não circula livremente a informação e o leitor e/ou ouvinte não tem acesso a um conteúdo fiel.

A liberdade de imprensa, por sua vez, contribuiria para a livre circulação e socialização de informações e ideias com a preocupação de fiscalizar e controlar o abuso do poder e qualquer arbitrariedade contra os cidadãos. Nesse sentido, a liberdade de expressão necessita da liberdade de imprensa, cuja principal preocupação é realizar na e pela sociedade um espaço público e garantir o seu bom funcionamento. Neste contexto, o reconhecimento da liberdade de comunicação dos veículos não pode ser confundido com a liberdade de expressão dos meios de comunicação. (ROCHA;VIZEU, 2010)

O jornalista ainda deve lembrar-se de que o regime de visibilidade (PRADO, 2012) é que dita, majoritariamente, “os parâmetros e limites segundo os quais estamos habituados a ordenar o ver o ser visto” (CAETANO;SOUZA, 2011). Ou seja, nas reuniões de pauta muitas informações são selecionadas a partir deste regime, que já direciona o que deve ser noticiado, por consequência mantendo outros temas, ainda que importantes, na invisibilidade.

O regime de visibilidade também contribui para a fidelização do cliente que, ao conhecer a linha editorial do veículo, cria laços de compatibilidade. Logo, a forma de se expressar da emissora, do jornal, da revista ou do site não pode ser alterada “do dia para a noite”, pois colocaria em risco toda a audiência e, por consequência, a lucratividade.

Para que as pessoas comprem “textos”? A resposta não é “para se informar”, mas: para se enquadrar (...). Tais questões implicam em modalizações de ser, de saber, de fazer, de poder, modalizações tais que não são formatadas somente a partir do dado bruto da informação jornalística, mas segundo regimes de visibilidade e de atenção, ancorados em fortes estratégias de passionalização, ou seja, no apelo passionalizado para captar a atenção do leitor. (PRADO, 2009, p. 2,3)

Imediatismo e tecnologia

A agilidade em produzir conteúdo exigida do jornalista atualmente e a necessidade de o fato ser em primeira mão também dificultam a maneira do profissional se expressar com clareza, de forma livre e concreta. Assim, conteúdos superficiais são gerados e veículos de comunicação mais uma vez deixam a liberdade de expressão para dar lugar a um mercado competitivo.

Além disso, o jornalista deve se preocupar em seguir a linha editorial do veículo de comunicação para o qual trabalha ao mesmo tempo em que deve entregar ao leitor o conteúdo antes do seu concorrente. Esta obrigação de dar a notícia de imediato vai contra o fomento da crítica, e é por isso que os jornais teriam perdido a qualidade, porque a forma de apresentar a notícia é muito pobre. (GROHMANN; SILVA, 2014, p.3)

O que tem acontecido na imprensa confirma a Teoria do Espelho (TRAQUINA, 2012), em que o intelectual que constrói princípios e ideias se calou, deixando de lado o estímulo ao raciocínio. Portanto, se abriu espaço à importância da voz do técnico, do *expert* que, ao invés de praticar o pensamento, valoriza conteúdos já prontos para “consumo”, sem o interesse à análise e ao senso-crítico. (ABREU, 1998)

A verdade, no jornalismo, é uma construção discursiva, uma construção social que, para ser viável, supõe níveis específicos de independência dos seus mediadores (ou seja, os seus operários intelectuais) (...). As mentiras no jornalismo podem perdurar por algum período, mas, se as condições de independência existem, ainda que minimamente, o debate público tende a corrigi-las e a desautorizá-las. (BUCCI, 2013, p. 18)

Por outro lado, as liberdades de expressão e de imprensa tem ganhado espaço graças à tecnologia, o que envolve a internet e a Transmídia. Em somente uma matéria online é possível se deparar com texto, vídeo, infográfico e foto (de forma complementar), propiciando rapidez no entendimento do conteúdo por parte do receptor, além de informação mais completa. Esta soma de ferramentas garante que o jornalista não fique limitado a uma plataforma e que veículos tenham mais espaço para expressar conteúdo íntegro.

Reinventar a forma de se expressar é um exercício praticado diariamente pelos jornalistas contemporâneos. Uma ferramenta que vem sendo muito explorada é a cultura de Transmídia, em que mais de uma mídia está interligada. Esta ideia, em ascensão, ainda é muito discutida por não ter bem definido seu propósito: democratizar a comunicação ou servir como instrumento de marketing. Pois, caso tende-se a ser a segunda opção, a liberdade de expressão e imprensa pode ser burlada pela publicidade e propaganda.

É essencial manter-se sempre atento ao fato de que contextualizar informações requer conhecimento e tempo, bem como obter conhecimento requer conteúdo e processos de comunicação.

Já não basta mais organizar a informação como antes, mas também “torná-la mais compreensível em seus nexos e articulações” (...). Ou seja, são exigências nada razoáveis para uma atividade submetida a um ritmo de produção cada vez mais veloz, desafiada por horas de fechamento mais “apertadas” e obrigada a tratar volumes cada vez mais significativos de informação. (ROXO, 2007, p.14)

Ainda é preciso ter cautela com a utilização e proliferação de áudios, vídeos e fotos em redes sociais. Ao mesmo tempo que estas plataformas podem dar mais espaço à liberdade de expressão, podem também contribuir com a disseminação de dados equivocados. A checagem de informação continua sendo a melhor aliada do saber fazer jornalismo.

Algo, porém, é comum a todos: os requisitos da independência se expressam na transparência com que cada um expõe os compromissos que o amarram. É preciso que exista consonância entre o que se diz fazer, o que se faz e os métodos pelos quais se faz. É preciso que estejam claras as barreiras contra interesses estranhos ao propósito anunciado. (BUCCI, 2013, p. 20)

Liberdade de expressão *versus* redução das redações

A liberdade de expressão está também diretamente relacionada à redução das redações, uma vez que o profissional faz o trabalho de dois jornalistas e, muitas vezes, concorda em receber o salário de um, ou até menos. Assim, ele deve estabelecer prioridades para dar conta de todas as pautas e mais uma vez não tem tempo de contextualizar, se expressar. Além disso, muitas vezes se apoia em conteúdos prontos, vindos de agências de

notícias, apenas reproduzindo ao público aquilo de mais urgente e essencial, sem usufruir de sua liberdade. (ROXO, 2007)

O corte de gastos também afeta diretamente a percepção que o público tem sobre o veículo de comunicação. É contraditório suspender um grande número de jornalistas veteranos e manter os mais novos, que apenas reproduzem o discurso destes mais antigos. A visão para o espectador é que os jornalistas recentes não têm personalidade, originalidade e senso crítico, quando na verdade eles têm, mas não podem se expressar como gostariam, mas devem continuar seguindo a linha editorial da empresa e só estão ocupando aquela vaga de trabalho por ser uma mão de obra mais barata do que um jornalista com décadas de casa.

Entretanto, mesmo tendo consciência desta função de “substituição” nas redações, alguns dos novos jornalistas preferem se submeter à falta de liberdade de expressão e garantir uma posição no mercado de trabalho – principalmente se for em uma grande empresa ou grupo de comunicação – a seguir a utopia de se expressar livremente e não conseguir ingressar no ramo.

O profissional não deve se deixar levar pelo amor sobre a profissão e esquecer-se de sua vida social; é necessário encontrar intervalos entre o controle imposto pelo veículo de comunicação e pelos consumidores de informação e a liberdade de se expressar onde trabalha. (GROHMANN; SILVA, 2014, p.8)

Porém, outro nicho de jornalista está partindo para o formato de jornalismo *crowdfunding* (DOCTOR, 2011), de arrecadação de fundos, para conseguir elaborar a matéria da própria maneira e por meio do financiamento de terceiros conseguir se expressar na redação e reportagem. Além disso, vêm ganhando espaço no Brasil agências de notícias como a Pública ou BRIO, em que o jornalismo investigado, com olhar mais aproximado da realidade do leitor; e também histórias de vida, conquistam leitores online assíduos.

Estes são alguns caminhos para explorar a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e para o próprio jornalista usufruir do direito de se expressar.

Considerações finais

Antigamente, era comum que os profissionais quisessem fazer carreira nas empresas e permanecer vinte ou trinta anos no mesmo local de trabalho. Hoje em dia, o mercado está mais dinâmico e o jovem tem pressa de ascender e por isso busca instituições onde possa se

expressar, ter voz ouvida. No jornalismo não é diferente: quanto mais o jornalista for retido, mais insatisfeito ele irá se mostrar.

Assim como o público gosta de se enquadrar a um veículo de comunicação, jornalista também ganha se houver este enquadramento entre ele e a empresa para a qual trabalha. Isto não significa necessariamente concordar com a linha editorial, mas pelo menos ter a liberdade de se expressar dentro dela e transmitir conteúdo íntegro ao receptor.

Atualmente, é preciso que as empresas de jornalismo enxerguem este novo perfil do profissional para que o mercado de trabalho se mantenha aquecido. Caso contrário, nas redações será serão mantidos profissionais superficiais e fora delas pessoas de grande potencial que querem ser vistas, ouvidas e lidas. Também é preciso definir qual a função do Transmídia e estabelecer limites para que a publicidade e a propaganda não ditem o jornalismo e limitem ainda mais a expressão de liberdade.

Em suma, as transformações do jornalismo não podem continuar resultando em "passaralhos" e instabilidade. Se o mercado exige jornalistas multifuncionais, os jornalistas podem e devem exigir mais flexibilidade e compreensão para que o público também saia ganhando com conteúdo de mais qualidade

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. Jornalistas: de românticos a profissionais. **Antropolítica**. Niterói, n. 5, 1998, p.7-20.

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 43-50/71-97.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Contexto, 2013.

BURGOS, Pedro. O que podemos fazer para salvar o jornalismo. *Oene*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://oene.com.br/reinventando-o-jornalismo/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

CARDOSO, M.; COELHO, C. N. P. A homogeneização das notícias: a ditadura dos índices de audiência e o poder da ideologia. **Revista Líbero**. São Paulo. V. 12, n. 24, p. 71-80, dez. 2009.

COELHO, Claudio Novaes Pinto. Mídia e Poder na Sociedade do Espetáculo. **Revista Cult**. São Paulo. Ano 14, n. 154, p. 59-51, fev. 2011.

DOCTOR, Ken. Local: remapeamento a atualização. Os repórteres se tornam blogueiros. In: **Newsonomics: doze tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial**. São Paulo: Cultrix, 2011, p. 71-108/ 175-187.

GROHMANN, Rafael. O trabalho dos jornalistas como sintoma da lógica dos conglomerados. **Revista Alterjor**. São Paulo. V. 02, n. 08, p. 1-15, jul/dez. 2013.

_____, R.; SILVA, M. G. L. Os sintomas do Jornalismo Internacional perante o cenário do mercado de trabalho. **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu, set. 2014.

LIMA, Venício Artur de. Liberdade de expressão para quem? *Observatório da Imprensa*. Edição 509, jun. 2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/liberdade-de-expressao-para-quem/>>. Acesso em: 13 de jun. 2015.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Do leitor para a web e da web para o impresso: dilemas do jornalismo participativo no Globo. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p.311-328, dez. 2009.

PRADO, José Luiz Aidar. Dispositivo midiático e modalização convocadora: a construção do “a mais” em revistas segmentadas. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, nov. 2009.

_____, José Luiz Aidar. A política de imagem na era da convocação. In: **Significação**. São Paulo, n. 37, p.167-186, jun/jul 2012.

ROCHA, H.; VIZEU, A. A confusão entre liberdade de expressão e de imprensa. *Observatório da Imprensa*. Edição 611, out. 2010. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno->

da-cidadania/a-confusao-entre-liberdade-de-expressao-e-de-imprensa/>. Acesso em: 12 de jun. 2015.

ROXO, Michele. Racionalidade e gerenciamento no trabalho jornalístico: o caso Folha de S. Paulo na década de 80. In: **V Congresso Nacional de História da Mídia**, São Paulo/SP, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Volume I. Florianópolis: Editora Insular, 3ª ed. rev. 2012.

WOLTON, Dominique. A nova fronteira da incomunicação. Informação e conhecimento: a convivência indispensável. In: **Informar Não é Comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 50-85.